



Rubens Lemos: "Ato impensado, profunda irreflexão".

## O pai explica

*O pai do assaltante mais jovem aparece*

Um fato inusitado alterou a rotina da coletiva que a direção nacional do PT concedia à imprensa durante a tarde de ontem, desviando a atenção dos jornalistas, até então concentrada na figura do presidente, Luís Inácio Lula da Silva.

No momento em que Lula informava sobre a militância política, dentro do partido, de cada um dos participantes do assalto, um senhor de meia-idade, que apareceu de repente, tomou a palavra, identificando-se aos jornalistas: "Sou Rubens Lemos, pai de Marcos Wilson Reale Lemos". Essa afirmação provocou impacto e surpresa entre os presentes e imediatamente provocou um clima de constrangimento entre os membros da Comissão Política da Executiva Nacional, que não esperavam pela presença do pai de um dos assaltantes.

Rubens Lemos começou a responder às perguntas "como pai e como dirigente nacional do PT": "Estou chegando do Rio Grande do Norte e trago a denúncia de tortura sobre os cinco que estão presos na delegacia de Salvador. Todos eles foram brutalmente espancados e pisoteados, segundo Rui Paterston, advogado deles".

Lemos disse que a essa altura dos acontecimentos, todos "já assumiram o erro de forma clara, conscientes do prejuízo que trouxeram ao partido. Como dirigente do partido, classifico o ato como um gesto de quixotismo absurdo. Trata-se de

um acontecimento absolutamente isolado das posições do PT. O dimensionamento que está sendo atribuído ao fato só está servindo a interesses eleitorais dos que visam a prejudicar o PT".

Lemos disse que ainda não conseguiu contato com seu filho e, indagado sobre se tinha conhecimento dos planos do assalto, respondeu que "foi uma surpresa, um golpe brutal", quando soube da notícia. Disse também que desconhece qualquer envolvimento do filho em movimentos que defendem a luta armada, sugerindo que a pergunta deveria ser dirigida a Marcos Wilson diretamente. Criticou a tentativa, das várias opiniões publicadas, de classificar Marcos Wilson como o "filho de ex-terrorista": "Tentam insinuar uma vinculação com organismos terroristas. Nego. Mas não nego que lutei contra a ditadura e fui torturado por isso". Informou que em 1969 era radialista e tinha um programa na Rádio Poti de Natal chamado "A Grande Parada", e foi preso sob acusação de "ofensa às Forças Armadas" em noticiário veiculado. Contou que foi detido e torturado durante 60 dias por um certo coronel Curcio Neto, no DOI-Codi de Recife. "Nunca estive envolvido com a guerrilha", disse.

Lemos declarou que, "como pai, tenho direito de estar triste e respeitar o erro de um ato impensado e de profunda irreflexão.